



Licenciatura em Pedagogia

RAILDA SANTOS REIS

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

**Paripiranga
2021**

RAILDA SANTOS REIS

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Monografia apresentada no curso de graduação do Centro
Universitário AGES como um dos pré-requisitos para
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Igor Macedo Brandão

Paripiranga
2021

RAILDA SANTOS REIS

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Monografia apresentada como exigência parcial para
obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão
Julgadora designada pela Coordenação de Trabalhos de
Conclusão de Curso da Ages.

Paripiranga, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Fábio Luiz Oliveira de Carvalho
Ages

Prof. Dalmo de Moura Costa
Ages

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder forças para ultrapassar os obstáculos enfrentados durante a trajetória da graduação.

A minha família, principalmente, a minha mãe pelo apoio que sempre me deu durante toda minha vida. E a minha filha, por compreender a minha ausência.

A todo corpo docente, do Centro Universitário AGES, que sempre transmitiu seu saber com muita competência, principalmente, ao coordenador Mauricio Ramonnd, pela sua dedicação e atenção ao colegiado e, no final do Curso, a nova coordenadora Erica Fernandes.

Aos Professores, Gilza, Josefa Risomar e Mauricio Ramonnd pela qualidade de ensino dentro da sala de aula.

Ao Orientador, professor Igor Brandão pelo incentivo e dedicação.

A todos funcionários da ages, e as minhas colegas do curso.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal: apresentar levantamentos teóricos que comprovem a importância da educação infantil para o processo de desenvolvimento da criança, levando em consideração também a relevância dessa temática para o contexto escolar e para o trabalho pedagógico do professor visando a valorização das práticas pedagógicas. Para tanto, foram consultados diversos autores que abordam a temática, com destaque para: Ramos (2004), Moreno (2007), Ferreira (1975) e entre outros que trarão contribuições expressivas e essenciais para a construção da discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Infância. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work has as main objective: to present theoretical surveys that prove the importance of early childhood education for the child's development process, also taking into account this theme relevance for the school context and for the teacher's pedagogical work, aiming at valuing pedagogical practices. For that, several authors were consulted who address the theme, with emphasis on: Ramos (2004), Moreno (2007), Ferreira (1975) and among others who will bring expressive and essential contributions to the discussion construction.

KEYWORDS: Child. Childhood. Child education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	9
2.1 A Infância e a sua construção histórica	10
2.2 As mudanças e a consolidação da educação infantil	13
2.2.1 Um breve histórico referente à educação infantil no Brasil	20
2.3 A função do professor na educação infantil da contemporaneidade	23
2.4 O filme: O contador de histórias	29
2.5 A Pequena Vendedora de Fósforos: um conto de fadas sem final feliz	34
3 MARCO METODOLÓGICO	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Todos os indivíduos são resultantes das mais diversas influências que contribuem para a formação da sua personalidade, isso quer dizer que a personalidade do sujeito é um processo permanente que tem início desde o seu nascimento e vai até determinada fase da vida adulta, variando de sujeito para sujeito. Assim, os primeiros anos de vida de uma criança são decisórios para a construção da sua personalidade no futuro, nesse período, são esboçadas as suas principais características psíquicas, a partir das relações que a criança tem com a sua primeira instituição social que é a família, depois com as pessoas próximas, escola e meio ambiente em que a mesma convive conforme a sua tradição moral, religiosa e política da comunidade e do meio em que o cerca. Por isso, esses nexos têm a importante função de suprir as suas necessidades físicas e psicológicas.

Quando falamos em infância não podemos deixar de destacar a relevante importância da escola para a formação, bem como do processo educativo que é realizado na educação infantil, o qual contribui grandemente para o processo de ensino e aprendizagem. Sabemos que todas as etapas de formação do desenvolvimento do ser humano são de suma importância para a construção do sujeito diante da sociedade, no entanto, assim como nas sociedades medievais, a infância bem como a etapa da educação infantil nas escolas era vista como desnecessárias.

Diante do pressuposto, o problema central da pesquisa é o quão importante é a etapa da educação infantil para formação do indivíduo diante da sociedade. Dessa maneira, como problema de pesquisa, questiona-se: O processo de desenvolvimento da criança parte desde a sua primeira instituição social, que é a família? Nota-se que essa molda o sujeito tendo a base de seus princípios e valores diante da sociedade. No entanto, a escola também tem papel primordial diante dessa construção social, haja vista que ambas são a educação preceptora dos sujeitos. Diante disso, como a etapa da educação infantil, favorece para moldar a criança e contribuir para o seu desenvolvimento posteriormente?

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como tema: “A importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança”. O estudo sobre essa pesquisa se justifica, portanto, por acreditar na importância da formação integral do sujeito desde a educação infantil, destacando a quão benéfica ela é para o trabalho de moldar valores nas crianças, contribuindo significativamente para a construção psicossocial do indivíduo. Assim sendo, o presente trabalho tem referencial teórico embasado na área de atuação da educação infantil, devido ao

tema escolhido. Em vista disso, tem-se enquanto objetivo central: aperfeiçoar o estudo sobre a importância da educação infantil para o processo de desenvolvimento da criança. E enquanto objetivos específicos: apontar as mudanças no processo histórico sobre o conceito de infância; e discutir as funções pedagógicas que são pertinentes para o processo da educação infantil.

A revisão da literatura desse trabalho foi organizada da seguinte forma, foi dividida em três capítulos: o primeiro capítulo se intitula como “A infância e sua construção histórica”, nesse será exposto como foi construído o conceito de Infância historicamente que perpassa diversos tempos e nuances, a principal contribuição teórica aqui parte dos estudos feitos pelo historiador francês Philippe Ariés; já no segundo capítulo “As mudanças e a consolidação da educação infantil”, será enfatizado um breve histórico da educação infantil, que passará de assistencialista para consolidação da escola. O principal embasamento teórico usado nesse capítulo será o referencial curricular nacional para a educação infantil; por fim o último capítulo “Os percalços da educação infantil na contemporaneidade”, aqui será refletido sobre a qualidade da educação infantil e como ela é de suma importância para o desenvolvimento da criança, além disso, será enfatizado as leis que garantem esta qualidade.

Além disso, foi escolhido duas obras uma filmica e a outra um conto infantojuvenil para apresentar reflexões e a interpretação pessoal de recortes da obra, com o intuito de discutir melhor sobre o tema exposto, as obras são o livro: “A pequena Vendedora de Fósforo” e o filme: “O Contador de Histórias” associando-o ao contexto do tema, enfatizando o quão importante é assegurar a infância e como esta pode influenciar o processo de desenvolvimento da criança e, conseqüentemente, a sua vida no futuro.

O Marco Metodológico vem apresentar e caracterizar o objeto da pesquisa, evidenciando as características e os detalhes relacionados com os objetivos do trabalho e descrevendo o tipo de pesquisa que foi realizada para a efetivação do mesmo.

Por fim, tem as considerações finais que apresentam a composição dos elementos constantes do texto que foi trabalhada, sintetizando e concretizando as ideias e as questões apresentadas no trabalho.

2 REVISÃO DA LITERATURA

No atual cenário de educação que estamos inseridos, muito se discute sobre as práticas e metodologias aplicadas no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil, e ponderando sobre as discussões, é perceptível as dificuldades em que esse se encontra. Dificuldades essas, que resultam de uma necessária análise das práticas de ensino que reconheçam a real importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança, para que possa contribuir de forma significativa na aprendizagem da mesma. Nesse contexto, é notável que um dos problemas nas práticas de ensino-aprendizagem da educação infantil é a falta de compreensão de alguns educadores sobre a importância do trabalho e valorização da educação infantil.

As práticas pedagógicas na educação infantil precisam tomar uma nova direção para que sejam materializadas com eficácia, pois, vive-se em um tempo de transformações, que exige metodologias aprimoradas e significativas. Dessa forma, é necessário refletir sobre a condução das práticas pedagógicas e suas contribuições para a formação cidadã, principalmente no que se refere à educação infantil. Nessa ótica, a educação infantil precisa ser compreendida como um dos momentos em que o mundo lúdico e imaginário, promovido pela magia, tornem-se atividades capazes de desenvolver habilidades cognitivas, afetivas, bem como habilidades que visam o desenvolvimento da formação artística das crianças.

Assim, para entendermos a educação infantil é de fundamental importância, bem como suas contribuições para a formação das crianças, a princípio, faz-se necessário compreender o conceito de infância, visto que a concepção de infância é uma noção construída historicamente e tem passado por diversas modificações ao longo da humanidade, pois, houve um tempo em que não se conhecia o conceito, e essa noção foi se constituindo a partir das transformações de estruturas culturais e sociais e, por conseguinte, o sentimento de infância foi mudando com base nas ideias do filósofo Rousseau no século XVIII, na qual a criança passa a ser percebida como um ser que pensa e age por si só. Desse modo, não se tem como trabalhar na educação infantil atualmente, sem entender como historicamente a sociedade tem construído diferentes representações que remetem ao ser criança.

2. 1 A infância e sua construção histórica

Durante todos os períodos históricos o conceito de infância foi caracterizado apenas como uma mera fase que logo era transformada de acordo com as mudanças sociais. A exemplo disso, na antiga Roma, os vínculos sanguíneos tão pouco eram considerados importantes mais do que os vínculos afetivos, diante disso, constantemente, havia situações de abandono de crianças, e as adoções eram também frequentes nesse contexto (TOMAS, 2001, p. 69).

Já no Império Romano, as crianças eram entregues desde cedo aos cuidados de mulheres chamadas amas de leite, essas tinham como principal função ser responsáveis por garantir a educação e os cuidados para as crianças. Nesse contexto, a educação de caráter formal era apenas um privilégio concedido aos rapazes, que ficavam sob os cuidados do profissional denominado pedagogo, que além de dispor dos cuidados tinham que assegurar a educação dos jovens, essa era uma das principais funções a qual tinha que desempenhar; além da educação didática esse profissional tinha outra função crucial na formação desses jovens, que era assegurar o ensino de boas maneiras (ARIÈS apud TOMAS, 1960, p. 10).

Essa parte da educação tinha por objetivo preparar os jovens para o futuro, tudo era conduzido com extrema severidade, não havia contato de ternura ou até mesmo demonstração de carinho, tanto pelos pais quanto pelos professores ou aquelas pessoas que eram destinadas a serem as responsáveis pela educação e cuidado das crianças.

Conforme mencionado, nem sempre, durante o processo histórico, existiu o termo infância, contudo as crianças sempre estiveram presentes na sociedade, independente da concepção que os adultos tinham sobre elas. Nos estudos de Ariès, destaca-se que na Idade Média essa visão da criança era desconsiderada, não levando em conta todo o processo de desenvolvimento por qual passava. De acordo com Ariès (1981), a infância era desvalorizada, pois era um processo que passava rapidamente, sendo assim, as crianças eram logo inseridas no mundo dos adultos e tinham que desempenhar todas as tarefas que esses faziam.

Durante o período histórico da sociedade medieval era possível constatar que havia uma falta em relação aos sentimentos voltados à infância, isso porque as crianças eram introduzidas no universo adulto precocemente por volta dos seis ou sete anos, essas já estavam mergulhadas no mundo adulto. Não era oferecido qualquer tratamento diferenciado para atender a sua faixa etária, que era pequena, frágil e inocente, nessa concepção não era demonstrado ou transmitindo nenhum tipo de vínculo afetivo, o muito que se via era ordem e obediência que devia ser mantidos pelos pais, algo extremamente importante e considerado a base para que fosse possível

manter uma família organizada, atendendo aos padrões da época, um período em que o afeto era considerado como apenas um deslumbramento que conseqüentemente iria gerar a desorganização dentro do seio família, ou seja, afeto, carinho, amor e cuidado oferecido às crianças era considerado algo prejudicial às famílias e a sua boa ordem.

Todo esse contexto de desvalorização acontecia devido a múltiplos fatores, dentre eles, a precariedade em que as famílias viviam, a grande taxa de mortalidade infantil, o grande número de integrantes da família e o pouco contato que os pais tinham com essas crianças (visto que esse trabalho era delegado a outras pessoas, como as amas de leite ou outras mulheres), com isso acabavam desencadeando essa desvalorização da figura infantil, percorrendo um longo período histórico. O que é notório durante os estudos sobre a construção histórica e o conceito de infância, é que a criança em todos os tempos não gozou plenamente dos seus direitos.

A desvalorização da infância era claramente vista em todos os aspectos da sociedade e dentre eles na Arte Medieval, na qual as pinturas retratavam as crianças como adultos em miniaturas, ou seja, as crianças eram pintadas com o aspecto de adultos, porém com a estatura menor. Para Ariès (1981, p. 52) “[...] a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança era logo perdida”.

Com isso, não se fazia necessário que os adultos pudessem valorizar o modo de pensar e os sentimentos que as crianças carregavam. Ariès (1981) ainda afirma que os conhecimentos que as crianças tinham e os valores que elas expressavam vinham tudo da mera transmissão que partia dos adultos, as crianças só tinham que aprender o que era necessário e o que fosse primordial para ajudar os adultos.

Não havia uma distância clara entre casa e trabalho, nem entre o mundo da infância e o dos adultos assim como tampouco havia uma preocupação com a formação das crianças, pois nem havia uma clara ideia de que a infância tal qual conhecemos existisse (CORSO; CORSO, 2006, p. 26)

Ou seja, não existia a preocupação de entender e buscar aceitar as diferenças e semelhanças existentes das crianças, as mesmas não tinham uma originalidade em seu pensamento, pois esse era reproduzido pelo o que lhes era ensinado, dessa forma, os adultos tinham as crianças como páginas em branco, que deveriam ser preparadas e preenchidas para a vida social.

Com isso, pode-se perceber que a fase da infância não era considerada relevante para o desenvolvimento infantil pela sociedade da época. Ariès (1981) destaca que o conjunto familiar

dessa época era estabelecido somente para que existisse a preservação dos bens materiais. Esse modelo de família da antiguidade não estimava nenhum compromisso com sentimentos afetivos, tão pouco com laços familiares e amorosos. As trocas de afetos eram realizadas fora do ambiente familiar.

Somente no final do século XVII, com a forte influência da igreja católica e com o papel que essa passou a exercer na educação dos sujeitos, foi que as crianças tiveram um novo espaço de convívio. A partir daí a família passou a ter que criar laços sentimentais e afetivos com as crianças e começaram a dar uma pequena importância para o seu desenvolvimento e a sua educação.

A família passou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pode mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIEËS, 1981, p. 12).

Diante desse novo contexto que é empregado o conceito de infância, que passa a ser considerado e visto com novos olhos, e passando a ser visto em um contexto social, “as crianças passam a representar um valor e uma identidade própria” (TOMAS 2001, p. 69-72). Essa mudança trouxe implicações importantes tanto para a sociedade quanto para a família, agora se tem um planejamento familiar em pensar de ter ou não filhos, a outra forte mudança é que a relação agora entre pais e filhos, é de serviço e cuidado para ambas as partes, e não fazer descaso como foi feito durante séculos passados.

Apesar do novo conceito de infância e da importância da mesma, somente no ano de 1959 foi promulgada a declaração dos direitos da criança por meio da Assembleia Geral das Nações Unidas, contudo:

Só em meados do século XX, com a adoção pelas nações unidas, em 1989 da convenção internacional relativa aos direitos da criança passa a ser considerada como cidadão dotado de capacidades para ser titular de direito (TOMAS, 2001, p. 69-71).

O olhar sobre a infância vem se modificando desde essa época, tanto no contexto educacional quanto no contexto familiar, a criança passou a ser vista como parte integrante da sociedade e que precisa de cuidado, carinho e atenção. A visão sobre a criança de hoje é que a mesma precisa brincar, estudar e que viva em um contexto particular, no seu mundo próprio. Em vista disso, as crianças passaram a ser vistas na sociedade como um ser especial que

possuem repletas particularidades e que constroem seus conhecimentos através das vivências que estão passando.

Em vista disso, para que as crianças possuam suas experiências é necessário de um ambiente e de práticas que valorizem e facilitem o seu crescimento e desenvolvimento, enquanto sujeitos pertencentes a sociedade.

2.2 As mudanças e a consolidação da educação infantil

Quando falamos em infância nos deparamos com diversas inquietações, tais como: O que vem ser infância? Qual a representatividade da infância na vida de uma criança? Diante disso são muitos os autores que vêm enfatizar sobre esses temas na contemporaneidade.

De acordo com a afirmação de Fortuna (2005) é necessário que se pense sobre a reconstituição do termo infância, pois agora de fato já se sabe que a sobrevivência da espécie humana depende exclusivamente do cuidado que os adultos devem dedicar às crianças, é preciso refletir a infância no hoje. Um dos fatores primordiais que nos instiga a pensar sobre qual acepção se pretende pensar sobre essa fase infantil, em que tanto os adultos quanto toda a sociedade na qual a criança está inserida são responsáveis pelo seu desenvolvimento e a aquisição das suas características específicas, ou seja, como de fato estão os cuidados sobre as nossas crianças no hoje? Na qual a crescente exploração e marginalização contra elas estão tão explícitos, muitas vezes, inclusive, fora do controle da própria família e da sociedade de modo em geral.

A infância da contemporaneidade está passando por um processo de transformação. Infâncias estão sendo esquecidas e moldadas de acordo com a evolução do mundo globalizado. Uma fase que está, cada vez mais, conectada com o fácil acesso às tecnologias, além dessa infância distorcida, o verdadeiro sentido de ser criança está sendo esquecido.

Essas novas visões de infância são uns dos agentes responsáveis pelo aumento do trabalho infantil, com pressupostos de garantir a produção do mercado de trabalho. Essas práticas estão, cada vez mais, transformando a criança em pequenos trabalhadores, fazendo com que as mesmas desde cedo assumam responsabilidades do mundo adulto, tirando-lhes o direito de ser somente criança e se comportar como tal.

Os cenários que desfiguram a relevância do processo infantil que a criança tem, transforma a mesma em um grupo social que para o mercado de trabalho é capaz de movimentá-

lo, provocando grandes efeitos sobre tal, além de contribuir e influenciar no modo de vida dela, essas influências vêm sendo difundidas através da mídia e do mercado de consumo, o qual age sobre os seus sonhos, personalidades e gostos, redefinindo a infância e seus valores diante das visões desse novo mundo. Segundo Sarmiento (2001), essa nova constituição de infância que é marcada pelo mercado infantil, consegue atingir efeitos no comportamento e na vida presente e/ou futura da mesma.

Esse mercado está associando a mídia como a televisão e, principalmente, a internet na qual são expostas publicidades infantis livremente (já que no Brasil não existe leis que proíbam essas práticas), fazendo com que desde cedo às crianças já estejam sofrendo influências do mercado capitalista, no qual tudo gira em torno de dinheiro e poder, fazendo com que essências naturais e essenciais para o processo de desenvolvimento da criança não sejam respeitadas, até mesmo no contexto educacional é visto esses resquícios de uma cultura que visa o capital, esquecendo de fornecer subsídios básicos e necessários da educação infantil para a criança, como o faz de conta, o lúdico, o brincar e o imaginar.

Geralmente nesse contexto de desrespeito e falta de informação sobre o que é importante na etapa da educação infantil na vida da criança, muitas famílias e o ambiente escolar deixam a criança se perder com os grandes e influentes ícones de fama do mundo infantil, como personagens ou até mesmo outras crianças famosas que sirvam de modelo. Outro exemplo recorrente são os personagens da Disney que geram lucro no mercado através de objetos como materiais escolares e entre outros produtos que são direcionados ao público infantil. Sendo assim, é possível perceber de forma contundente a mudança da identidade da criança na atualidade.

Diante da sociedade moderna, encontramos infâncias que estão altamente conectadas desde o seu nascimento aos meios de comunicação de massa e por outro lado, vemos crianças que estão assumindo responsabilidades desde cedo, crianças vítimas da criminalidade e do mundo das drogas, perdendo totalmente essa fase que é de encantamento e ingenuidade.

As configurações e os avanços tecnológicos em especial o avanço da mídia moderna, consegue provocar grandes mudanças no mundo atual, e essas mudanças perpassam e afetam diretamente os contextos e as concepções sobre a infância e a sua efetiva importância para o desenvolvimento da criança. É notório que, cada vez mais, as crianças estão “ligadas” a equipamentos da tecnologia como televisão, celular e os conteúdos fornecidos pela Internet, principalmente, com essas ferramentas as crianças têm acesso aos mais variados tipos de conteúdo que em sua maioria não são adequados a sua faixa etária.

Postman (1999), destaca que os equipamentos tecnológicos acabam destruindo a separação do mundo infantil e do adulto. Os dois mundos, agora com as novas concepções de infância e o avanço dos veículos mediáticos, fazem parte de um só, influenciando a vida cotidiana dos cidadãos e agindo de maneira mais intensa na vida da criança. Nesse sentido, os diferentes juízos de infância se fazem presente na contemporaneidade, e a infância corrente está entrando em um processo de desaparecimento (POSTMAN, 1999). Nota-se que um dos principais geradores para isso, é o grande avanço tecnológico que está adentrando no modo de vida das crianças, produzindo o fim da infância e marcando a mesma pela precoce erotização e adultização.

Do mesmo modo em que a maioria está sendo desfigurada devido às novas concepções de infância e aos avanços do mundo globalizado, vemos também crianças que estão abaixo da linha da pobreza, sofrendo de maneira diferente essas configurações do mundo moderno. As mesmas estão inseridas no mundo do capital, onde o que prevalece são os fins lucrativos, então elas cada vez mais encontram-se submetidas desde muito cedo a trabalhos pesados com o fim de ajudar as suas famílias, outras por falta de oportunidades são levadas ao mundo da criminalidade e das drogas, com propostas ilusórias de mudança de vida, crianças que cada vez mais estão sendo violentadas e abandonadas a mercê da própria sorte.

Diante dessa perspectiva, vemos que são muitos fatores que contribuem para que as crianças do mundo moderno sejam transformadas desde cedo, fazendo com que sua essência seja esquecida e agredida por diversas questões. Porém é preciso discutir sobre a importância do ser criança e pensar na sua diversidade enquanto sujeitos que fazem parte da sociedade.

Então o que assimilamos por infância? Essas e muitas outras indagações ainda continuam a permear nosso pensamento, já sabemos que a infância necessariamente deve ser evidenciada e valorizada. Fortuna (2005) alerta para o fato de que é preciso contextualizar as crianças as quais estamos nos referindo, pois, falar hoje de infância requer reconhecimento em suas características fundamentais, olhando-as com atenção e considerando-as como sujeitos históricos, que fazem parte de um contexto histórico, cultural e social.

A criança como parte da sociedade é capaz de compartilhar e sofrer com os efeitos causados pela mesma, nesse sentido é necessário que compreendamos o lugar em que a infância está inserida. Segundo Sarmiento (2001), a infância vem sofrendo marcas na sua identidade devido aos efeitos da mudança da atual sociedade. O tempo e as interações sociais contribuem para que concebamos a visão de infância frente a inserção do mundo globalizado.

O ser humano está em constante transformação, ou seja, sempre constrói e reconstrói as suas concepções sobre como vamos tratar a infância e a sua pertinência para a construção dos

sujeitos. Contudo, a infância pode existir sobre diferentes formas e visões dependendo da sociedade e de onde as mesmas estejam inseridas. Arroyo (1994), afirma que a infância varia, desse modo, é possível analisar a infância sobre diferentes olhares e diferentes práticas de as conceberem, por isso, na modernidade os hábitos infantis talvez não sejam os mesmos do que tivemos na nossa infância.

A infância sem sobra de dúvidas é a continuidade das nossas expectativas e objetivos, isso faz com que muitas vezes os adultos acabem cercando as crianças com diversos afazeres, que são projetados por eles mesmos. Porém, pensando desse modo as crianças estão cada vez mais ameaçadas mesmo nos tempos de hoje, pela contemporaneidade, pela globalização e pelo mundo adulto que está chegando precocemente em suas vidas, as crianças estão tão ocupadas em viver o mundo adulto que já não se nota mais elas brincarem de faz-de-conta, pois estão imersas na nova era digital, a qual as fazem refém de uma vida cheia de sentimentos de vazio e muitas vezes uma vida perigosa, pois sem que haja o reconhecimento da nossa própria infância sentimo-nos ameaçados em nosso desejo de perpetuidade e privados do futuro (FORTUNA, 2005, p. 20). É necessário, assim, que haja uma reciprocidade na relação estabelecida pelo adulto com a criança, pois é a partir da mesma que pode ser observado a real compreensão e o quanto está valorizado o processo de infância que a criança percorre até chegar no futuro.

O adulto diante disso, tem um papel importantíssimo na construção dessa infância, pois é consequentemente responsável por essa formação, a humanidade futura precisa, segundo Fortuna (2005), promover na criança do hoje todos os cuidados necessários que favoreçam a infância, para que no futuro a formação que tanto se almeja aos adultos sejam efetivamente cumprida. A família é a primeira instituição social responsável por moldar a criança e, consequentemente, a sua atuação diante da sociedade, a mesma, dessa forma, deve ser para as crianças um alicerce firme. Para Aroeira (1996), o conceito de infância se dá de acordo:

Com a classe social a que nos referimos, porque a criança é um ser social e histórico, não é abstrata não é um modelo teórico de desenvolvimento, para conhecê-la melhor é necessário sempre levar em conta suas condições reais de vida a origem social a cultura, pois é a partir desse contexto que determinamos que ela construa seu conhecimento (AROEIRA, 1996, p. 22.).

Com isso, fica notório que as capacidades do desenvolvimento da criança bem como as suas características de cidadania também dependem dos aspectos em que a mesma vivência, uma vez que, essa também faz parte do convívio social da sua comunidade, cabe destacar que todas as constantes transformações e os avanços diante da concepção da sua construção são diretamente influenciadoras ou não na sua educação. É pertinente salientar que toda criança

deve ser inclusa no sistema, o qual a forneça os seus direitos essenciais, como por exemplo, a educação, a saúde, o lazer e a família, considerando que todos esses aparatos são fundamentais para a construção da vida adulta que seja vista com sucesso e prosperidade.

Assim, vemos que cada criança é única e que as mesmas possuem suas particularidades e contextos sociais diferentes, esses devem ser identificados e reconhecidos como uma etapa importante para a construção do desenvolvimento e da aprendizagem de cada uma. É preciso quebrar esses paradigmas que giram em torno da concepção única que fomos induzidos a pensar sobre a criança, geralmente só é considerada infância, os que vivem em uma situação confortável, organizadas, crianças limpas, que sejam comportadas e pertencentes a uma classe média, no entanto esquecemos de outros contextos que configuram em torno da infância, esquecendo que essas mesmo pequenas são sujeitos, que fazem parte de maneira importante na construção histórica e social. As crianças que fizeram parte dos séculos passados são as mesmas do presente século que mesmo assim ainda precisam ser descobertas e, principalmente, que sejam valorizadas com as suas diferenças e necessidades.

Segundo Friedmam (2005) é importante saber o contexto da criança que está sendo mencionada, para que seja feita a apropriação da teoria sobre o desenvolvimento infantil. É necessário que se tenha uma visão de maneira real e concreta, com os tipos de famílias, ambientes e oportunidades diferentes que o meio venha oferecer para garantir a aprendizagem da criança. Na atual sociedade o que temos visto é uma sociedade que busca abafar o momento de ser criança e, conseqüentemente, a sua infância, fazendo com que ela seja desprovida das oportunidades que toda criança tem direito de usufruir como brincar e criar, sendo também vítimas precoces de uma sociedade imersa na globalização, massificadas por uma violência simbólica que desde cedo já tem que cumprir papéis que os adultos julgam essenciais, fazendo-as um adulto com compromissos desde cedo.

Diante disso, a criança de hoje juntamente com a infância também é caracterizada pelas transformações sociais, culturais e econômicas que também influenciam seus comportamentos, que invadem o seu convívio e tem a capacidade de transformar seu caráter infantil. Mesmo com os avanços históricos em relação ao conceito de infância, atualmente essa passa por mudanças para atender aos padrões do tempo histórico e, com isso, surge inquietações sobre o cuidar dessas crianças e como resolver as dificuldades sobre elas na atualidade, cabe a escola ou a família assumir essa responsabilidade? É notório que as escolas desempenham um papel importante na formação dos sujeitos e que as mesmas podem fazer uma grande diferença na construção social da criança, pois a educação infantil é a fase que as crianças realizam atividades com caráter lúdico e podem explorar sua criatividade com atividades voltadas para

os gestos, as artes, as leituras e, principalmente, as fantasias, que devem ser oferecidas de maneira proveitosa em todos os ambientes escolares e por todos aqueles que fazem parte do contexto em que a criança participa. Esses subsídios promovem na criança a contribuição para a promoção dos estímulos e criatividades, que são capazes de:

Resgatar uma infância com alma, com essência com significado, aquela na qual os pequenos e simples momentos, gestos, atitudes, saberes, brinquedos, contos, histórias, pinturas produções toques e olhares sejam significativos, valorizados (FRIEDMANN, 2005, p. 11).

Diante disso, cabe a educação favorecer essa transformação de forma completa; é preciso que a criança seja inserida na sociedade sem sofrer com mudança diante da concepção, o educador diante desse contexto tem um papel importante pois ele será o intermediador entre esse ser em formação e o mundo que vai cercar ela. Aqui não cabe mais o papel de professor com o método tradicional no qual ele é apenas o transmissor do saber e o aluno era visto como um ser desprovido de conhecimento, visto apenas como um mero receptor. Diante do novo modelo de sociedade ambos devem ser os construtores de saberes, um é o mediador e o outro é alguém que faz participação dessa aprendizagem, é através dos estímulos na educação infantil que se constrói o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Como chegar próximo do mundo misterioso e simbólico das crianças? Conseguimos captar, aprender a alma da criança? Como fazer isso? Como voltar o olhar a observação das imagens que a criança traz e da sua percepção? Ouvir o que ela tem a dizer, ficar conectados com nosso próprio corpo, com nossas intuições e emoções, pode ser pistas interessantes, assim como resgatar o nosso lado feminino e principalmente a nossa criança interior, primeiro passo no caminho de uma infância digna, saudável e significativa (FRIEDMANN, 2005, p. 12).

A infância é algo natural que faz parte do eu da criança, é preciso deixá-la ser livre para se expressar, e que ela explore diferentes ambientes e contextos, evidenciando as suas singularidades, pois percebemos que “a ideia de infância nem sempre existiu tão pouco foi valorizada sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela apareceu somente com a sociedade capitalista urbano-industrial” (KRAMER, 1987, p. 3). Isso faz com que o papel das crianças seja alterado e que esse novo modelo de criança faça a diferença diante da sociedade, cabe agora o adulto saber cuidar e ser preparado para as futuras sociedades. Para tanto, além da visão de crianças que deve ser modificada a sociedade tende a sofrer com o grande processo transformador.

Diante de todas essas mudanças significativas que vêm caracterizar a infância, juntamente com a educação infantil, devemos nos deparar com metodologias que nos remetem

a ter uma compreensão na efetividade da sua completitude, na qual “O sentimento de infância resulta, pois, numa dupla atitude com relação à criança, preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalecê-la desenvolvendo seu caráter e sua razão” (KRAMER, 1987, p. 2).

A construção do perfil de criança na contemporaneidade é fruto de toda relevância e significado dado aos processos que cada criança passa, fazendo-nos levar em consideração o seu papel diante do contexto histórico e cultural da sociedade. Além disso, cabe destacar que o ser infantil deve ser preservado, garantindo-lhes os direitos essenciais a uma infância de ternura e plenitude, cujo brincar é uma das principais fontes de ser criança. E é visando essa concepção, que tanto as crianças como o cenário educacional que elas percorrerão estão amparados por leis que regem o direito de assegurar o bem-estar das mesmas, leis essas que:

Atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeitos de direitos um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserida (BRASIL, 2006, p. 10).

Salienta-se que diante de tamanhas transformações nos aspectos que diz respeito a infância, é inegavelmente que essas são vistas como fatores importantes para que cada vez mais haja a construção e a valorização da infância, ambas que em suma estão vinculadas de certo modo com as instituições escolares, essas que, por sua vez, devem ser um espaço onde haja construção social de forma integradora, capacitando as crianças para suas descobertas.

Na atual sociedade a educação, tal como a criança, é percebida pela sociedade como elemento de grande relevância para a edificação social e cidadã de todas as nações, sabendo disso é visto que é imprescindível a qualquer custo que precisamos buscar dar voz as discussões que afirmam sobre a importância da educação infantil e do ser criança enquanto sujeitos que estão em processo de formação social, no qual o lúdico contribui significativamente para que isso ocorra, bem como os cuidados promovidos pela família para com as crianças e as escolas, também tem um papel importante na construção dos primeiros anos de vida, fornecendo subsídios básicos e essenciais para que a criança tenha toda a assistência necessária para favorecer o seu desenvolvimento e exerça com primazia todas as suas faculdades intelectuais, artísticas e práticas, bem como seja moldada as qualidades morais e éticas de sujeitos pertencentes a um convívio social (MAKARENKO, 1976).

Como já mencionada em situações anteriores, a etapa em que a criança vivência a infância juntamente com a educação infantil é fundamental pois possibilita a construção das características pertinentes que moldam a sua personalidade, diante disso é relevante salientar

que essa etapa necessita de cuidados específicos para tal. As crianças precisam ter uma aprendizagem significativa, lembrando que estas já começam desde o nascimento. Esses cuidados básicos que permeiam o contexto da educação inicial infantil devem ser proporcionados através de estratégias que promovam a junção entre as famílias e a comunidade social em que as crianças estão inseridas através de programas ou instituições sociais (UNESCO, 1990).

O que vemos nesse contexto atual são crianças inseridas em uma vida moderna, no entanto, ainda são seres únicos, que estão em crescimento e participando do processo de desenvolvimento, assim, todas as suas características tanto no aspecto físico e biopsicossocial estão em processo de transformação, cabendo aos adultos ao seu redor possibilitar o molde de tais.

Hoje, a criança tem uma pedagogia que visa amparar e preparar para que possa ser atendida e assegurada em todos os seus aspectos, partindo do contexto social, cultural e que envolvam toda a natureza infantil, possibilitando que no decorrer dessa fase, ela seja vista com importância e que os adultos sejam responsáveis conscientes da sua criação e educação; “a educação deve proteger o natural infantil, preservando a criança da corrupção da sociedade e salvaguardando sua pureza” (KRAMER, 1987, p. 11-47). É na concepção de infância mediante as propostas de novas pedagogias, que deve ser estudado e compreendido sobre as particularidades de cada indivíduo a partir das suas representações culturais. Ainda é importante ressaltar que a criança deve ser participante ativo em todo o seu processo de desenvolvimento, pois a sociedade precisa da mesma para perpetuar sua espécie.

2.2.1 Um breve histórico referente à educação infantil no Brasil

Como já mencionado em capítulos anteriores, partindo dos pressupostos históricos referentes à infância, essa foi marcada por um grande processo de ignorância por parte dos adultos e caracterizada também pela forte discriminação social, esses resquícios fazem com que a infância bem como o ser criança fosse deixado a margem de todos os processos reflexivos e idealizados pelos adultos. Porém, mesmo diante desses contextos históricos em que a mesma não era valorizada, vale ressaltar que foi um período em que houve muitas descobertas “a criança de zero a seis anos foi objeto de atenção nesses quinhentos anos, sobretudo por inspiração da Igreja, no início do processo de colonização [...] predominou a assistência social

à infância” (KISHIMOTO, 2003 p. 225). Essa mesma assistência não ficou somente nos séculos passados, mas perpassou várias décadas e está viva e presente na atualidade, o que tornou a educação infantil uma modalidade de ensino que estivesse em constante transformação, visando garantir os cuidados e atenção básica às crianças.

As instituições destinadas a oferecerem a educação infantil, modificaram-se no decorrer dos anos, haja vista que somente no século XIX, é que começaram a surgir as creches, as casas de infância, as escolas, as maternais e os jardins de infância. Todas essas, agora, parte do caráter assistencialista que é relutância do acelerado processo de globalização, e da sociedade moderna e urbana ter passado por constantes mudanças (DIDONET, 1991). Essas características de transformação social e cultural ainda se faz presente no contexto familiar, o qual visa constantemente que seus filhos estejam vinculados com os modelos de inovações educacionais e sociais.

A urbanização a crescente participação da mulher no mercado de trabalho extradomiciliar e as alterações na estrutura familiar são ainda hoje fatores determinantes da demanda social de creches e pré-escola. [...] Quando surge uma creche ou pré-escola, nova perspectiva abre-se para a mulher e para a criança, o melhor, para toda a família [...]. Mas a educação infantil não parou por aí. Várias ciências debruçaram-se sobre a criança, nos últimos cinquenta anos, entre elas a psicologia, a sociologia, a biologia e a psicanálise infantil (DIDONET, 1991, p. 92).

O processo de urbanização crescente que se difundiu no Brasil corroborou para que as instituições de educação infantil surgissem no país, além do implemento do sistema capitalista, que tinha por principal objetivo aumentar a força de trabalho e, conseqüentemente, a geração do capital. Com isso, a inserção da força de trabalho das mulheres começou a ser vista por volta do ano de 1875, na qual essas estavam responsáveis pelos cuidados e educação das crianças com a instalação dos jardins de infância, dos asilos infantis e orfanatos, o que a partir daí também favoreceu a chegada de vários métodos educativos para trabalhar na área da educação, com base nas teorias de Froelbel, Piaget e Vygotsky, que visavam construir e edificar uma aprendizagem de maior qualidade.

É a partir daí que o processo de ensino aprendizagem com as crianças passa a ser melhorado, já que a mesma é um ser em construção e que precisa de vivências que possam colaborar para a sua formação, em vista disso, o ensino agora passa por melhorias, visando a qualidade educacional no que se refere ao ensino das crianças. Já no início do século XX a educação infantil agora passa a ser integrada com o processo de desenvolvimento infantil.

Diante de todas as mudanças nos contextos históricos no que diz respeito aos cuidados das crianças, as escolas infantis passaram a tornarem-se espaços de grande magnitude para a

construção e o desenvolvimento da aprendizagem infantil. Essas instituições sociais estão inseridas na Constituição de 1988, contemplando também o processo da educação infantil, cabendo a esse fornecer aparatos sucessivos que promovam a integração bem como a valorização do cuidar, o educar e o brincar, esses que são elementos fundamentais e indispensáveis para o processo de ensino e aprendizagem da educação infantil.

As leis que foram criadas vieram para validar e assegurar as características no que se refere aos processos educacionais, diante disso, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº. 9394 de (1996, p. 227) veio com o pressuposto de trazer uma complementação mediante as ações que são esperadas para o cumprimento das tarefas na educação infantil, [...] trazendo a educação infantil para Educação Básica. Esse fator foi o que contribuiu para que as transformações surgissem no cenário educacional, principalmente, no trabalho com a educação infantil, que agora passa a ser uma educação com caráter assistencial para servir a um serviço que seja totalmente educacional, no qual é discutido e colocado em prática a ampliação sobre a importância da educação infantil no decorrer do processo de desenvolvimento, integração, socialização e aprendizagem das crianças.

Essa mesma lei trás em suas concepções a exigência que haja uma formação qualificada e continuada dos profissionais que estão trabalhando na área. Desse modo, deve-se promover também melhorias nos espaços físicos que acolherão os alunos, visando o conforto e a qualidade do ambiente que irá receber os alunos, esses devem ser assegurados e mantidos pelos órgãos mantenedores de cada instituição, sejam elas municipais, particulares ou filantrópicas, essas regularizações buscam requerer que haja um maior incentivo quanto ao melhoramento das condições oferecidas nos estabelecimentos que integram a educação infantil.

A criança é um todo orgânico, físico e psicológico. A educação infantil coloca como seu objetivo-síntese o desenvolvimento integral da criança compreendendo com isso, os aspectos físicos, cognitivos e afetivos de sua personalidade (DIDONET, 1991, p. 93).

Ou seja, a partir daí a compreensão no que se diz respeito à criança começa a ser vista de uma maneira diferente na qual essa agora é vista como um ser detentor de um processo de construção da sua infância no qual exige por parte dos adultos uma maior compreensão, e das instituições escolares mais investimento para aprimorar os aspectos do seu desenvolvimento, essa agora é vista também como um ser de sentimentos e sensações específicas e com individualidade única o que a torna importante diante da sociedade, agora, ela é um ser visto

socialmente e que tem sua função social bastante pertinente para a construção das gerações futuras e a sequência de uma nação.

Nota-se que cada vez mais seja compreendida que a aprendizagem acontece em junção com a criança, dessa forma, saber compreender o porquê da educação infantil e quais as suas contribuições pertinentes para o desenvolvimento e a aprendizagem é também uma forma de valorizar e possibilitar as contribuições, para que seja efetivada as conquistas necessárias nesses séculos. Para Makarenko (1978): “A educação desempenha um papel particularmente importante durante os primeiros anos de vida, ao longo dos quais se assiste a um desenvolvimento intensivo das faculdades intelectuais”. Assim, é necessário que haja transformações para um requerimento de maiores façanhas no âmbito educacional, rompendo os obstáculos acerca do trabalho com a educação infantil o que é visto como “mão” dupla do século XXI, há avanços no que se diz a educação infantil com leis e políticas públicas que tentam assegurar os cuidados com a criança e a efetivação de uma educação prazerosa e eficaz para tal, no entanto, muitos cenários acabam esquecendo da inocência infantil, a falta de afeto e a delegação da formação de caráter somente para a escola, características essas ainda são presentes na infância, por causa que os adultos estão constantemente ocupados e na correria da demanda do sistema capitalista.

Para Fortuna (2005), ainda não vivemos o cenário ideal, por isso é preciso que tenha uma reinvenção da infância na qual seja reconhecida como uma fase de fundamental importância para o processo de desenvolvimento infantil, pois é no decorrer dessa tão significativa fase que se pode construir e esculpir situações que possibilitem um futuro melhor, é válido dizer, que é nessa fase também que as vivências e os desafios devem ser vividos e superados pela criança, partindo do tocante que a infância e a inocência sejam zeladas, visando os sinônimos de alegria e afetividade para a construção do seu processo de desenvolvimento.

2.3 A função do professor na educação infantil da contemporaneidade

A infância é uma das etapas de principal importância na vida de todos os sujeitos, uma vez que desde o nascimento, a criança está inserida em um mundo cultural que apresenta expressões e características de cada grupo, sendo fortemente influenciada por brincadeiras e tradições que ao longo da sua trajetória se tornam importantes para sua história de vida, na qual a criança tende a explorar o mundo ao seu redor através do toque, do cheiro e das experiências

manuais, contribuindo para sua formação biológica, social, psicológica e espiritual, pois, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), a criança é um sujeito histórico e com isso tem o direito de brincar, imaginar, desejar e aprender; construindo sentido e produzindo cultura. Assim, a criança é um sujeito histórico, que aprende brincando, necessitando de estratégias pedagógicas na contribuição da sua formação integral.

Para tanto, o desenvolvimento da aprendizagem na fase da infância precisa que o educador pense em estratégias metodológicas que levem a criança a imaginar, sentir as sensações como o frio, calor, o vento, o ar e descobrir os objetos ao seu redor, a fim de que aprenda a interagir com o outro e a natureza. Nesse sentido, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil (2010) é preciso o incentivo à curiosidade, à exploração, ao questionamento e ao conhecimento em relação ao mundo físico e social. Assim, é de suma importância permitir as vivências com as brincadeiras e com o meio ambiente, para que através da curiosidade e exploração, o indivíduo desenvolva linguagem, comunicação e expressão.

Por conseguinte, a aprendizagem durante a fase da infância exige do docente sensibilidade, flexibilidade e atividades que contribuam para esse desenvolvimento, uma vez que, ao adentrar no ambiente escolar, a criança precisa sentir-se acolhida naquele novo ambiente, logo, perpassa a educação infantil e ensino fundamental. De acordo com o documento Ensino Fundamental de nove anos (2007, p. 20) “Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso”. Sendo assim, a educação infantil e o ensino fundamental apresentam conhecimentos e valores que precisam ser disseminados no ambiente escolar para a aprendizagem significativa.

Nesse contexto, as atividades para o público infantil devem perpassar as esferas da experiência, imaginação, criatividade, sensibilidade e entre outros, tendo em vista o papel imprescindível que as atividades sensoriais, de coordenação motora e movimento corporal exerce na formação do indivíduo. O docente deve levar em consideração a fase que está cada criança para o planejamento dessas atividades. Segundo Barbosa (2009) ao planejar, o professor precisa estudar, pesquisar e organizar situações de aprendizagens para os discentes. Assim, as atividades devem ser desenvolvidas com o propósito de estimular a aprendizagem dos alunos.

Vale ressaltar que o professor da educação infantil e do ensino fundamental deve propor atividades que estimulem o desenvolvimento da criança nos aspectos físicos, emocionais e sociais, em que as estratégias além de serem lúdicas, proporcionem o desenvolvimento das habilidades cognitivas, motoras e intelectuais dos discentes. Segundo Kubata et al. (2019) planejar é o ato de se pensar em atividades com objetivos definidos e de colocar em prática

ações a serem alcançadas. Sendo assim, toda atividade tem um objetivo que precisa ser evidenciado nas práticas sociais desenvolvidas no ambiente escolar.

Percebe-se a grande relevância da compreensão dos educadores que a criança está em fase de desenvolvimento e para isso as estratégias metodológicas devem permitir a vivência com o meio social que envolve as pessoas, a cultura, os animais e a natureza, para que ela vá aprendendo a se relacionar e a respeitar a si e ao outro. Segundo Barbosa (2009) A função da escola no mundo contemporâneo é a de possibilitar ao sujeito a vivência com a sociedade, de modo que aprenda a respeitar, acolher e a celebrar a diversidade de povos e culturas, a fim de sair do individualismo. Assim, a escola e o professor têm essa importante função.

Diante de todas as considerações já mencionadas sobre a importância da efetivação da educação infantil, cabe ressaltar que as instituições escolares, que atendem à educação infantil, precisam fornecer um atendimento que valorize às especificidades que fazem parte do desenvolvimento das crianças, além de saber respeitar as suas especialidades, pois é com o contato com essas instituições que se começaram os primeiros indícios da formação dos sujeitos, bem como as contribuições para o seu desenvolvimento futuro, visando a qualidade e o processo educativo no qual a criança é o sujeito transformador para a cidadania, além do trabalho para o desenvolvimento pessoal e suas transformações diante da sociedade.

O trabalho escolar com a educação infantil necessita ser organizado, visando todas as possíveis experiências no contexto infantil, bem como as especificidades e diversidades, para tanto é necessário pensar em um ensino que valorize o trabalho pedagógico do professor, bem como a suas experiências docente, para que haja assim, um trabalho de qualidade e eficiência, [...] O que “requer estruturas curriculares abertas e flexíveis” (OLIVEIRA, 2005, p. 170). Em conformidade com isso, outro ponto de relevante importância é a relação da família (esta que é a primeira instituição social importante para moldar qualquer sujeito) com todo o processo educativo, pois escola e família são essenciais para a formação de qualquer sujeito.

Como menciona Haddad (2006) é na relação entre escola e família, que se faz pensar positivamente sobre as contribuições que ambas instituições podem fornecer para que haja o desenvolvimento infantil, logo que a família é a principal responsável pela primeira educação da criança. Em vista disso, no âmbito escolar as crianças irão ter suas aprendizagens favorecidas.

Uma educação infantil que respeite direitos da criança em um espaço adequado, rico em estímulos, agradáveis aos olhos infantis num tempo bem planejado capaz de satisfazer suas necessidades em busca da construção de novos saberes e da descoberta do mundo a sua volta (MORENO, 2007, p. 55).

É necessário que haja mudanças no ambiente escolar, possibilitando que o ensino esteja atrelado ao contexto social da criança, favorecendo as suas capacidades sociais e promovendo uma relação entre escola e sociedade que vise a promoção do desenvolvimento infantil, levando em consideração os aspectos: sociais, cognitivos, afetivos e físicos da criança. Por consequência, essas mudanças não acontecem sozinhas e sim uma relação mútua que depende também das várias harmonizações que envolvam e propiciem um ambiente motivador, organizado e que oportunize o estímulo para o aprendizado, além disso, cabe destacar que os profissionais que trabalham com a educação infantil devem ser adequados e qualificados.

Desse modo está lançado o desafio, a todos aqueles que se preocupam com a educação da criança pequena e consequentemente com a qualidade do trabalho pedagógico (MORENO, 2007, p. 62).

Nessa perspectiva, todo o trabalho com a educação infantil necessita de qualidade em seus princípios pedagógicos pois o mesmo se destaca como fatores fundamentais para o processo de construção do saber e da formação inicial dos sujeitos que estarão inseridos em sociedade, esses são elementos que estão definidos e discutidos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998). Por meio de tal documento é visível reconhecer todas as contribuições em divergentes áreas do conhecimento que compõem a organização das atividades a serem desenvolvidas junto ao caráter educacional, visando a melhoria na construção do sujeito.

De acordo com o Referencial Curricular (1998), a criança é um indivíduo social e histórico que está constantemente passando por um processo de formação e cada uma tem as suas especificidades referentes às características físicas, às socioeconômicas e às situações de aprendizagem. É diante disso que o educador deve levar em consideração a tomada de meta para alcançar os objetivos gerais, de modo que se articule com todo o processo educativo da criança e as eventuais necessidades das mesmas.

Intenções educativas que estabelecem capacidades que às crianças poderão desenvolver como consequência de ações intencionais do professor. o que auxilia na seleção de conteúdos e os meios didáticos a serem utilizados (BRASIL, 1998.p. 47).

Na esfera das instituições escolares deve haver a prática eminentemente inclusiva, na qual não haja preconceito por haver diferenças, sendo que essas sejam vistas e dignamente respeitadas, pois sabe-se que as particularidades de cada aluno é o que contribui para o enriquecimento das práticas pedagógicas do professor em sala de aula. Paulo Freire (2007)

afirma que uma das maiores virtudes no processo formativo é aceitar e respeitar a diferença. Isso não ocorre sem escutar o outro.

Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino rico, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me a escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destrutível ou desprezível (FREIRE, 2007, p. 120-121).

Para Freire, o processo de formação dos/as professores/as deve visar à qualidade das suas práticas pedagógicas, as quais devem ser trabalhadas em sala de aula além da escuta legítima, essas qualidades devem ser construídas no decorrer da prática democrática no contexto educacional. Partindo desse pressuposto, de uma educação emancipadora, ver-se-á nos capítulos a seguir o contraste do que se fala, no qual o processo de formação do sujeito não é trabalhado de forma coerente, deixando assim a desejar, no que se diz respeito a formação da criança.

Desse modo, o professor é um ser social que precisa utilizar dos diversos saberes científicos e da vivência do cotidiano para a mediação efetiva da aprendizagem com o seu estudante. De acordo com Tardif (2002, p. 68) “o desenvolvimento do saber profissional é associado tanto as suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção”. Assim, o saber profissional é fundamental para o educador cumprir seu ofício de docência com muita competência e sensibilidade, uma vez que, esse deve contribuir para a formação integral do sujeito.

Nesse sentido, para que o profissional docente cumpra o seu ofício com competência, contribuindo para o desenvolvimento e a aprendizagem na infância, é necessário que esse seja um indivíduo ativo, pesquisador e comunicativo, pois, segundo Zabala (1998) a competência do professor é desenvolvida por meio do conhecimento e da experiência. Desse modo, somente a partir da busca incessante pelo conhecimento, é possível desenvolver os saberes necessários para a prática educativa, contribuindo para uma aprendizagem que seja verdadeiramente significativa.

Entretanto, para que o processo de ensino-aprendizagem obtenha resultados satisfatórios na educação infantil, o profissional docente precisa da pluralidade dos saberes que é construída através do conhecimento, da leitura do mundo, das situações sociais e nas trocas de conhecimentos entre seus discentes, pois, segundo Zabala (1998) através das relações estabelecidas entre professores, alunos e o próprio conteúdo de aprendizagem, inicia-se o ponto

de partida para o desenvolvimento da aprendizagem. Sendo assim, a aprendizagem acontece por meio da interação social entre os membros do processo de ensino-aprendizagem, constituídos de diferentes saberes que estimulam a disseminação do conhecimento.

O professor deve ser um agente de mudanças e transformação social na vida das crianças, uma vez que, o docente que utiliza da competência e dos saberes necessários a sua formação, contribui para a formação social, ética e humana do aluno que ultrapassa os muros da sala de aula. Segundo Hagemeyer (2004) a aula é um momento propício para a transmissão e assimilação de saberes que vai além do próprio ato de aprender. Nesse sentido, a aula é o ponto de partida para que o educando se encante pelo saber e torne-se um sujeito ativo, crítico, reflexivo e transformador do mundo a sua volta.

Nessa ótica, o docente tem o papel de pensar estratégias metodológicas que ajude o seu aluno no desenvolvimento da aprendizagem, visto que as práticas rotineiras de memorização e exposição de conteúdo, não atendem mais o perfil de aluno da contemporaneidade permeado pelas tecnologias digitais e de comunicação.

Segundo Perrenoud (2000) a cultura tecnológica é essencial para pensar a evolução dos instrumentos, como também das competências intelectuais e o saber que a escola pretende formar nessa nova era da tecnologia digital. Assim, em suas aulas, o docente tem a necessidade urgente de pensar atividades que estabeleçam relação com a tecnologia digital, para que a criança aprenda as limitações desse recurso tecnológico.

O processo de entrada da criança na escola é um momento de curiosidade, adaptação e descoberta do mundo ao seu redor, uma vez que, constitui um mecanismo de construção de ideias, valores e conhecimentos científicos. Assim, nos anos iniciais de escolarização a criança necessita do contato com as vivências que permita o brincar e a exploração do mundo, pois, para a BNCC os direitos de aprendizagem das crianças são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer. Dessa maneira, essas experiências permitem a interação do público infantil com o mundo físico e social, contribuindo para o desenvolvimento global da criança.

Para tanto, o lúdico no ambiente escolar é um instrumento primordial para o desenvolvimento biológico, psíquico e social dos discentes, tendo em vista que a criança aprende através do brincar, sendo que as brincadeiras necessitam de um planejamento bem elaborado pelos educadores para permitir a construção de conhecimentos e, também, o movimento corporal. De acordo com o documento: Ensino de nove anos (2007) a imaginação construída através do ato de brincar e o processo de constituição humanizada do ser humano, é um importante recurso iniciado na fase da infância, que permite ao indivíduo o conhecimento

do mundo e a busca por sua transformação. Sendo assim, o educando precisa de atividades que o instigue a participação na sociedade para a busca do seu reconhecimento enquanto ser histórico e social.

Portanto, percebe-se a grande relevância de que haja a compreensão dos educadores que a criança está em fase de desenvolvimento e para isso as estratégias metodológicas devem permitir a vivência com o meio social que envolve as pessoas, a cultura, os animais e a natureza, para que ela vá aprendendo a se relacionar e respeitar a si e ao outro. Segundo Barbosa (2009) A função da escola no mundo contemporâneo é a de possibilitar ao sujeito a vivência com a sociedade, de modo que aprenda a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade de povos e culturas, a fim que saia do individualismo e adentre o olhar e a vida do próximo. Assim, a escola e o professor têm a importante função de levar a criança a compreender e a respeitar o outro através das vivências sociais.

2.4 O filme: O Contador de Histórias

Aqui foi selecionado o filme: O contador de histórias, uma obra produzida pelo diretor Luiz Villaça, que o produziu após fazer uma leitura de um livro do seu filho de 11 anos, que era a biografia do personagem principal do filme (Roberto), assim, tem-se como objetivo principal fazer uso da interpretação pessoal para analisar a obra e suas relações com o tema do projeto. Essa é uma narrativa fílmica que vem propiciar reflexões acerca da construção da identidade infantil e as suas representações sociais, destacando que essas dependem muito das experiências e das oportunidades que permitem a criança ter com o contato estabelecido no mundo ao seu redor.

Se a educação infantil pode ser uma etapa que permite as crianças constituírem e desenvolverem suas personalidades, parte principalmente do âmbito escolar ser um local cuja função seja de transformações e construções de sujeitos capazes de atuarem diante da sociedade, um ambiente que venha a propiciar numerosas narrativas, nas quais cabem construir sujeitos que respeitem às diferentes culturas, visando a construção de diferentes estratégias de ensino e aprendizagem.



O filme “O Contador de Histórias” que foi criado a partir de uma biografia, é uma obra que vem relatar a história real da vida de Roberto Carlos Ramos, esse que é o filho mais novo de uma família pobre e negra, que teve uma infância difícil, sendo residente em uma periferia de Belo Horizonte, sua mãe, uma mulher de pouco conhecimento, foi facilmente seduzida pelas propagandas do governo vinculadas à televisão, com sua ingenuidade e passando por dificuldades e pobreza, resolveu entregar o seu filho mais novo aos cuidados do "colégio", esta pobre criança com apenas 6 anos foi roubada do seu seio familiar e entregue a um possível bote salvatório. Podemos pensar que foi uma decisão desumana, não correspondente a de uma mãe, no entanto, era uma decisão frequente na época, em que os pais acabavam delegando à instituição pertencente ao governo a educação e a sobrevivência dos seus filhos, diante disso, não era só um meio de sair da pobreza, mas as famílias consideravam que era uma oportunidade que garantiriam aos seus filhos um futuro, com uma formação no Ensino Superior e ficasse aptos a um dia formarem uma família. Diz o livro:

Falava-se na época que a Febem era uma instituição preocupada com o bem-estar das crianças era o local onde recebiam boa alimentação e educação escolar. A mãe e o filho estavam esperançosos. O menino pensava que estava deixando para trás uma vida miserável, e a mãe achava que um dia, quem sabe, teria um filho doutor (RAMOS, 2004, p. 10).

O filme em sua composição narrada não é linear, pois descreve a vida do garoto com cenas antes e depois de sua entrada na instituição governamental. No desenrolar do filme o autor Villalva, utiliza de uma estratégia poética na qual a imaginação da pequena criança ainda frágil, inocente e pura utiliza do seu imaginário infantil. Embora essas alusões poéticas tenham sido raras, uma dessas sequências poéticas que merecem um destaque especial são as cenas que mostram a chegada do menino com a sua mãe a Febem, nessa cena representada, nota-se a

visão ingênua da criança, a qual está se imaginando em um mundo diferente como uma ida ao circo.



Segundo Vigotsky (1992) o processo de imaginação é um recurso infantil extremamente relevante, de maneira inseparável que acontece no pensamento realista do sujeito. Diante disso, o autor enfoca a imaginação infantil com uma linguagem poética e diferente, na qual ele permite que haja uma fusão da cena real que ele está entrando na Febem com relação a cena imaginada no subconsciente da criança, a cena se compõe da seguinte forma, os portões se abrem por um guarda, no entanto o menino imagina ser um palhaço. O Pátio da instituição é imaginado como se fosse um picadeiro, diante disso, o real e o imaginário se fundem e, a partir daí, são apresentados na imaginação infantil vários elementos do circo como: malabaristas, acrobatas e outros personagens, até que a magia acaba e volta tudo ao normal estampada na fachada daquela instituição.

Cabe destacar que o período histórico em que essa narrativa fílmica foi passada relata um contexto da política vigente no país em meados da década de 1970, o cenário político gira em torno da plena ditadura militar durante o governo de Médici, anos em que o poder público organizou instituições para ficar responsáveis por abrigar crianças que viviam nas ruas ou qualquer outra criança que vivesse em situação de marginalização e pobreza, os que passaram a ser chamados de “pobres e abandonados”, esses eram retirados das ruas ou do seu leito familiar e levados com promessas de garantir de toda uma assistência e uma educação de qualidade que lhes permitiriam ter um futuro melhor. O que aconteceu exatamente com o personagem principal do filme (Roberto), uma criança cheia de sonhos e fantasias que, no entanto, por viver em situações degradantes, a única saída vista por sua mãe, era que o governo cuidasse do mesmo.

Na década de 1960 o Estado assumiu a responsabilidade de assistencialista que visava garantir a proteção à infância pobre e aos adolescentes que fossem infratores. É evidente que mesmo em diferentes tempos históricos as discussões sobre a infância e a sua importância para o desenvolvimento, sempre nos causará grandes agitações, principalmente, devido ao fato das constantes mudanças políticas, sociais e educativas que visam assegurar os direitos as crianças. Procuramos aqui deixar evidenciado uma breve análise que possa estabelecer uma relação implícita que relate sobre a postura errônea e equivocada da “educação” fornecida na antiga Febem, bem como a ação humanitária e empática da pedagoga francesa Margherit Duvas, que ao logo do enredo fica evidenciado que a mesma se dedicou pessoalmente à recuperação daquele garoto, que aos olhos da sociedade já não havia mais solução.

Desse modo, podemos refletir sobre o quão excluída foi a infância, bem como o cuidado com o ensino da educação infantil daqueles garotos, em especial o de Roberto, uma criança pobre e marginalizada que já não tinha mais sonhos e tão pouco a fantasia e a imaginação, que já não era mais a florada na sua vida. Uma infância que foi roubada, fazendo o mesmo viver de forma deplorável e criminosa. Roberto tenta fugir várias vezes, todas elas sem sucesso, o que fez com ele fosse visto como um garoto problema que não teria mais solução. Desse modo, podemos observar que inicialmente os desejos do subconsciente daquelas crianças não eram mais desejos puros e ingênuos, pois as mesmas já conheciam uma realidade difícil, que era esmagadora para quem não cumpria as ordens de quem os regiam.

Segundo Ferreira (1975, p. 918) “Imaginar é construir ou conceber na imaginação; fantasias, idear, inventar, é o ilusório; o fantástico. Imaginação: é a faculdade que tem o espírito de representar imagens. Imaginário: é o que só existe na imaginação”. Nesse ponto de vista, é pertinente entender que a maioria dos valores que foram concebidos e estabelecidos entre essas crianças era a partir da visão que os adultos tinham deles, então, desse modo, tendem a absorver o que os adultos informam – ou até mesmo “deformam”. O que por consequência de tanto ouvirem e verem violências, eram crianças que perderam a sua pureza e ingenuidade, tornando-se seres violentos e revoltados.

Dessa maneira, podemos entender que as crianças são moldadas por vastos valores e concepções de moral que já foram preestabelecidos pela sociedade (os adultos); que realizam de modo coercitivo a formação dessas em futuros adultos “educados”. Sonhar e fantasiar são apoios que as crianças têm sobre as pequenas realidades que as cercam. Roberto assim como tantos outros garotos, mesmo diante da atual sociedade, que existe leis que asseguram os direitos da infância, ainda sofre com essas concepções que são preestabelecidas pelos adultos, os tachando como crianças boas ou más, capazes ou incapazes. Esses tipos de rótulos que são

estampados pelos adultos no universo infantil, são um dos agentes que contribuem para o enfraquecimento da capacidade cognitiva da infância, além de que não favorece o processo de desenvolvimento das mesmas.

O contexto do filme é denso e conflituoso o que não permite que tenha tantas cenas que mostrem as representações da fantasia do universo infantil, essas poucas passagens do imaginário infantil, que são frutos de imaginações férteis das crianças, são irrigadas através dos sonhos e dos desejos de ter uma infância “normal”. Nessas poucas passagens de imaginação do pequeno Roberto, mesmo vivendo em uma situação de vida difícil, teve a capacidade de através da sua imaginação transformar o mundo ao seu redor, mesmo estando em uma situação não favorável, ele não deixa de ser uma criança sonhadora, essa capacidade quando não compreendida pelos adultos é vista como apenas uma fantasia, mas na realidade são estratégias do universo infantil que têm grande pertinência para que a criança consiga resistir, mesmo em situações que não caracterizam o seu universo.

Roberto mesmo vivendo uma infância estigmatizada e sem muitas oportunidades, contou com a ajuda de uma figura muito importante quando falamos em educação e no processo de desenvolvimento da criança, esta figura é o professor, na história fílmica vem caracterizada pela pedagoga francesa Margherit Duvas, que vem ao Brasil achando que o sistema educacional oferecido pelo governo nas instituições da Febem era uma formação de qualificação e que trabalhava o processo de construção dos sujeitos, no entanto, essa visão era errônea o que a chocou. Roberto teve oportunidade justamente através da educação, de uma construção de caráter que valorizasse as particularidades de cada sujeito e as vivências que constroem a formação moral da criança. Tudo isso se deve a partir de um contexto educacional que deve ser garantido a todas as crianças.

Já no final do filme o enredo apresenta o próprio biografado em cenas de ação, ele já na sua fase adulta por volta dos 43 anos, nessa cena Roberto está em uma praça pública da capital mineira, contando histórias para crianças, pais, jovens e entre outras pessoas que se encontram totalmente encantadas com a sua dedicação em contar histórias.

Contar histórias além de ser um hábito milenar, ainda é um dos caminhos mais propícios para que as crianças se encantem por textos literários, Busatto nos diz que ao contar histórias: conto história para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fator; valorizar as etnias; manter a História viva; para sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o segredo (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

Roberto teve oportunidades de construir uma história diferente através da educação, que lhe assegurou viver de forma digna e honesta, o que não se pode dizer que aconteceu com a grande maioria daqueles outros meninos que estavam no mesmo cenário que ele. No entanto, cabe ressaltar que para Roberto ter saído da situação de desigualdade, abandono e criminalidade, teve que ter algum suporte, alguém que pudesse lhe oferecer carinho, conforto, segurança e, principalmente, educação, itens esses que é direito de todas as crianças.

Segundo Walter Benjamin, contar uma história não é somente pronunciar palavras aleatoriamente de uma forma qualquer, mas esse ato tem uma importância diante da sociedade atual e das passadas, essa prática é uma tentativa de burlar a finitude, já que esse ato mantém a tradição viva milenar que busca ensinar através das histórias. Uma história nunca finda, ela tem a de ser infinita pois sempre pode se encaixar no contexto de outra, e em outra, e assim continuar infinitamente fazendo com que o universo da imaginação seja sempre explorado como se em um passe de mágica o pensamento humano estivesse sempre em construção. O narrador, nessa cena, narra sua própria vida com suas experiências, mas tem o poder de adentrar em outras histórias que não são suas e experiências que não foram vividas, através dos outros sujeitos que os cercam.

[...] o narrador entra na categoria dos professores e dos sábios. Ele dá conselho não como provérbio: para alguns casos mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida. (Uma vida, aliás, que abarca não só a própria experiência, mas também a dos outros. Àquilo que é mais próprio do narrador acrescenta-se também o que ele aprendeu ouvindo.) Seu talento consiste em saber narrar sua vida; sua dignidade em narrá-la *inteira* (BENJAMIN, 1983, p. 74).

2.5 A Pequena Vendedora de Fósforos: um conto de fadas sem final feliz

A análise feita sobre “A pequena vendedora de fósforos” procura evidenciar a falta que os cuidados com a infância podem acarretar na vida da criança, bem como a pertinência do trabalho com o imaginário infantil, tendo como intuito que a criatividade e a imaginação sejam despertadas desde os primeiros anos de vida. Aqui, trata-se de uma narrativa simples enquadrada como um conto de fadas, no entanto com um contexto diferente do que habitualmente estamos acostumados, mas sem a presença de princesas, príncipes, rainhas ou bruxas.

É uma estória simples mas com um grau de sensibilidade extraordinária, retrata uma menininha que vive às margens da miséria e, possivelmente, com um contexto familiar conturbado, isso acontece no contraste do cenário do mês de dezembro ou seja, sob o forte frio e a neve das cidades europeias, uma data em que todos estão a festejar, celebrando o Natal. No entanto, vemos essa festividade de forma tão alegre, mas para uma garota pobre, um dia sem esperança de dias melhores, nesse trecho fica evidente "Em cada janela, luzes reluziam e um delicioso cheiro de ganso assado se espalhava pelas ruas. Veja bem, era véspera de Natal. Era nisso que ela pensava". Ela percorre as ruas da cidade tendo como objetivo vender caixas de fósforos para ajudar o pai.

A leitura dessa literatura é tão mágica e ao mesmo tempo trás nuances de tristezas. O leitor consegue perfeitamente adentrar o cenário do livro e fazer uma viagem no contexto que o autor deseja passar. Apesar de ser uma literatura que seja envolta na época natalina, e podendo ser classificada também, como um conto de fadas, nessa não é possível ver a presença de fantasia. Por trazer muitos sentimentos à primeira vista desejamos mergulhar nas páginas do livro e de alguma forma tentar salvar a menininha, que perambulava pelas ruas da cidade na tentativa de arrumar alguns trocados para levar para casa, mas ao mesmo tempo era ignorada pelas pessoas que passavam nas calçadas e, por mais que fosse uma data festiva e alegre, ela estava sentindo frio e fome.

O autor traz um enredo de fantasia, mas que em dessemelhança com o que tanto se espera pelos contos de fadas e por atitudes boas e bonitas para com as crianças, na realidade é apresentada de forma escancarada quantas crianças como essa menina vemos no nosso dia a dia e acabamos passando despercebidos - não ajudando/vendo o quão frágil e triste essas estão. "A pequena vendedora de fósforos", parte do tocante que é enfatizado a solidão infantil e a ausência de um enredo que traga finais felizes nos contos infantil, observando, assim, uma estrutura composta de narrativas melancólicas. Aos lermos essa pequena obra, pode ser vistas questões que podem trabalhar com a empatia, os sentimentos de tristeza, e a reflexão de quão frágil e delicada são as crianças.

Para Gillig, Vagula e Souza (2015) os contos escritos e publicados pelo autor Andersen, a maioria no contexto histórico do século XIX, são caracterizados por serem de um autor autêntico. Nos seus escritos, Andersen utiliza de um demasiado sentimentalismo, que cabe ainda, por sua vez, uma mistura da fantasia com a realidade. Nessa literatura ainda é possível perceber um romantismo cristão.

“A pequena vendedora de fósforos” foi uma obra publicada na sua originalidade no ano de 1845, sendo ela uma crítica da realidade da época, fazendo assim com que fosse exposto a situação de desfavorecimento social.

Nessa obra, o autor Andersen retrata também o sentimentalismo romântico sobre as condições sociais em que a menina vivencia, um ser frágil, no entanto, estava abandonada a morte, trazendo-nos os sentimentos que a menina sentia em uma noite escura e fria, evidenciando aqui a negligência cometida pelos adultos. Fazendo um paralelo da obra com as leis do nosso país, vemos que a Constituição Federal de 1988 e o ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente afirmam que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, art. 227º).

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990, art. 4º).

Dito isso, a obra nos faz refletir sobre a negligência sofrida na infância daquela criança, caracterizando como uma forma clara de violência e violação diante dos direitos que são garantidos em leis, requerendo também fazer uma problematização referente aos parâmetros sociais que são construídos em família, como provedora do cuidado que deve ser garantido para as crianças.

Esse cenário que se contradiz, foi um dos elementos que fez com que seu conto pudesse se destacar, além disso, por ser uma obra com um alto grau de sensibilidade no que tange à situação de desfavorecimento social, focando naqueles mais humildes e marginalizados pela sociedade. Ademais, é uma excelente oportunidade de falar em um assunto tão pouco mencionado no universo infantil que é o amor mesmo após a morte.

Apesar de ser um conto direcionado para o público infanto-juvenil, ele traz reflexões maduras sobre o contexto de uma criança, surgiram adaptações que não mencionavam a morte da menina, no entanto, Bettelheim (2008) enfatiza que é importante que os contos sejam apresentados em sua forma original, pois a omissão das características e dos detalhes citados rompe com a simbologia das narrativas, fazendo com que o efeito que essa normalmente poderia provocar na criança seja desfeito. Em muitos dos casos é comum que os adultos ao

fazerem os relatos dessas histórias, acabem eliminando algumas partes dos contos, pois são consideradas inadequadas para a criança.

No entanto, é importante também que a criança conheça o lado sombrio das histórias, para que elas possam saber lidar com os sentimentos, principalmente os mais fortes, como medo, abandono e morte. É importante que ela conheça as histórias por completo para que a sua essência não seja perdida, ou que cresça achando que o mundo só possua o lado positivo.



Na imagem acima, pode-se observar algumas características que provavelmente inspirariam Andersen a criar seu conto, bem como a personagem. Nota-se a figura de uma menina descalça, carregando uma sacola juntamente com uma caixa de fósforos em suas mãos. As suas características físicas são de cabelos cacheados com trajes típicos que são característicos da classe mais pobre da época, essas características são condizentes de tal forma com as descrições mencionadas no conto.

Vamos imaginar se as crianças vivessem em um mundo que não existisse imaginação, onde o processo de fantasia tenha sido extinto. É dessa forma que o sistema excludente daquele que não teve infância é conduzido, ou seja, conforme os preceitos e direcionados a caminhos que os fazem serem vistos como somente mais uma figura rotineira no cotidiano, assim acontece com a personagem principal do conto, era como se ela nem fosse percebida mais diante da sociedade. Não há como existir infância sem deleitar-se da essência que a mesma possui, de não poder seguir os desejos e viver momentos fantasiosos. Esse conflito da desvalorização infantil está presente na obra, com a ideia que foi proposta pelo autor.

A protagonista, como já foi descrito anteriormente, não atinge o objetivo de vender nenhum de seus fósforos, o que fez com ela não ganhasse nenhum níquel. Por saber do seu contexto familiar, tinha a certeza que se voltasse para casa nessa situação, certamente seu pai a agrediria, então sem tantas possibilidades para fazer acabou aconchegando-se em um canto entre casas para se proteger do frio daquela noite. Nessa sequência, podemos ver que o seio familiar não era a melhor das alternativas, fazendo com que a criança preferisse está no frio do que regressar para casa, diante disso, vemos o quão importante é o oferecimento da assistência básica e dos cuidados fornecidos pela família, esses que são direitos da criança.

A fantasia é tão presente na vida da criança que a literatura infantil tem como proposta a absorção desse mundo em suas histórias, pois as crianças possuem um mundo particular. Essa narrativa contribui para o pensamento lógico e para o afloramento da imaginação infantil. Segundo Vigotsky (1992, p. 128) “a imaginação é um momento totalmente necessário, inesperável do pensamento realista”, diante disso, o autor enfoca a imaginação infantil com uma linguagem poética e diferente, mas sem deixar perder os traços da realidade que são vivenciados das pela menina. A linguagem da obra como já mencionamos, tem em sua essência o uso do sentimentalismo.

A linguagem é vazia porque é apenas um processo interminável de diferença e de ausência: em lugar de ser capaz de possuir alguma coisa em sua plenitude, a criança agora simplesmente passará de um significante para outro, ao longo de uma cadeia linguística potencialmente infinita (EAGLETON, 2006, p. 251).

Em sequência, vemos que para se aquecer, a menina sem alternativas começou a acender os seus fósforos. Assim que ela acende o primeiro, tem a visão de uma estufa de ferro, aparentemente bem quentinha, com isso a sua fantasia faz com que ela imagine uma alternativa de se aquecer do frio. Mas rapidamente o fogo do palito de fósforo se apaga e ela acende outro; as chamas tinham tanta luminosidade que a menina conseguia ver através das paredes da casa, o que ela vê é uma visão magnífica que enche seus olhos, ela vê um banquete natalino todo feito no capricho e rico em detalhes. A cada fósforo que ela acendia era uma coisa nova que ela imaginava; acendeu outro fósforo, viu árvores natalinas com uma magnitude capaz de encher os olhos, os seus enfeites e as velas as deixavam mais bonitas. Assim que a luz do fósforo se apagou novamente, ela viu as faíscas indo até o céu e se transformando em luzes como estrelas, ao observar essas estrelas no céu, ela percebe uma estrela cadente, ao ver isso ela imediatamente lembrou da pessoa que mais a amou em vida a sua avó que já era falecida. Sua avó dizia que

quando vemos uma estrela cadente no céu era uma alma que estava chegando lá, com isso a menina imaginou rapidamente que alguém teria morrido.

Ao querer continuar vivenciar esses momentos mágicos, a menina acendeu mais um fósforo, e agora o que ela vê é a imagem de sua avó que aparece diante dela. Aquele instante foi tão mágico e sublime para a menina que ela tenta permanecer junto da sua avó, por isso em uma tentativa desesperada ela risca todo o molho de fósforos. Quando isso acontece a imagem se fecha nas duas e elas se abraçam e juntas vão até o céu “para onde não há frio, nem fome, nem dor” (ANDERSEN, 2010, p. 207). Nesse momento, com a utilização de uma linguagem simples o autor fala sobre a morte da menina. O conto finaliza diferente dos habituais, não em um final feliz clichê, mas uma felicidade a partir de outro contraste, pois aqui, o autor indica que o sofrimento da menina chegou ao fim:

Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano velho. O ano novo despontou sobre o corpo congelado da menina, que ainda segurava fósforos na mão, um molho já usado. “Ela estava tentando se aquecer”, disseram as pessoas. Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com sua velha avó para a felicidade do ano-novo. (ANDERSEN, 2010, p. 208)



Essa narrativa apresenta dois pontos importantes que podemos analisar e discutir sobre o descaso com o processo que a criança passa e, conseqüentemente, os cuidados que devem ser fornecidos para tal, “Ela estava tentando se aquecer, disseram as pessoas” (ANDERSEN, 2010, p. 208). Aqui evidenciamos que mesmo vendo o sofrimento de uma pobre criança, vemos que a sociedade a tratou com indiferença e frieza. No entanto, mal sabem que mesmo demonstrando ser um ser que não tenha nada a oferecer, aquela criança carregava consigo uma fértil imaginação que foi capaz de fantasiar e ansiar coisas maravilhosas, mesmo antes de morrer. Essas pessoas não puderam ver as maravilhas que ela viu antes de morrer. Podemos ver essa

fantasia e ingenuidade no rosto da menina que ao deitar-se no chão, dar um belo sorriso, incompreendido por aquelas pessoas.

O segundo ponto de vista são as metáforas utilizadas pelo autor quando se refere que a menina acendia os fósforos para ver situações, podemos evidenciar que esse ato de acender o fósforo nada mais é que a oportunidade que a menina tem de passar daquele mundo real e cruel para um mundo imaginário, onde tudo é possível, de acordo com Silva, esses escapes da realidade permitia que a menina tivesse acesso aos seus desejos pessoais que era ter o mínimo de conforto, um lugar para se aquecer, comida e afeto. O ponto de vista do autor é fazer revermos o conceito de morte e explicar que mesmo sendo um tema não muito retratado nos contos infantis é pertinente para vermos as desigualdades, a pobreza, o frio, a noite e a fome, levando a ver uma realidade brutal e injusta, em que uma criança passa pela morte sem ser assistida por ninguém.

Os sonhos são presentes no livro, fazendo/fomentando a criança trazer as reflexões sobre a fantasia, mesmo vivendo em um mundo difícil, tendo sua infância devastada, sem espaço para viver suas fantasias, não consegue, inclusive, espaço para colocar em prática os seus desejos infantis que, majoritariamente, são esmagados por aquela sociedade que tão pouco se importava com os sentimentos infantis.

A menina no conto utilizou-se dos objetos de que dispunha em suas mãos para recriar a realidade e buscar algum prazer na sua relação com ela. Brincar com a sua imaginação foi uma ferramenta que ela achou para preencher aquela realidade tão intolerável, desamparada pela sociedade e pela família até a morte.

Em conformidade com isso, Freud explica que o sujeito mantém uma relação entre o seu tempo com o processo de fantasia da sua mente, e essa deve ser levada em consideração, pois esse é um processo pertinente da vida humana que sempre está em modificação, levando em consideração as impressões dos processos subjetivos de cada indivíduo. Em cada contexto, os devaneios que são imaginados pelos sujeitos são adaptados para compreender a realidade a qual está vivenciando. Dessa forma, o ato de fantasiar situações é uma forma que o ser humano utiliza para despertar os desejos do subconsciente, fazendo com que tenha a capacidade de recordar memórias de ocasiões passadas ou de querer que seus desejos estivessem sendo satisfeitos. “Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (FREUD, 1908, p. 82). O excerto abaixo exemplifica esse processo:

Riscou outro fósforo contra a parede. Ele explodiu em chamas, e a parede que iluminava ficou transparente como um véu. Ela pôde ver direitinho dentro da sala, onde, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca como a neve, estava posta uma

porcelana delicada. Bem ali, podia-se ver um ganso assado fumegante, recheado com maçãs e ameixas. E, o que foi ainda mais espantoso, o ganso saltou do prato e saiu gingando pelo piso, com uma faca de trinchar e um garfo ainda espetado nas costas. Rumou diretamente para a pobre menininha. Mas naquele instante o fósforo apagou e só sobrou a parede úmida e fria diante dela (ANDERSEN, 2010, p. 206).

O enredo melancólico da obra de Andersen, sendo um autor de ficção que se inspira na produção dos contos de fadas, também utiliza a sua capacidade criativa e fantasiosa como escritor, para poder construir uma narrativa pela qual ele reelabora o grave drama da miséria social, acrescentando um teor afetivo e sentimental. O autor sonha possibilidades de alegria para aqueles completamente desprovidos dela.

A mensagem que o livro de Hans Christian Andersen vem transmitir é que as crianças têm a capacidade de descobrir coisas que não foram enxergadas pelos adultos, principalmente, por que elas têm uma essência pura. No enredo final do livro, o autor não foi corriqueiro como todos os outros autores de contos infantis, mas deixou que o livro tivesse um final que se difere dos famosos “finais felizes”, talvez seja essa a magia e reflexão que o autor quis deixar, para mostrar que mesmo tão suprimidas, as crianças ainda são capazes de imaginar.

3 MARCO METODOLÓGICO

No presente capítulo será detalhado quais os materiais serão usados para a construção do presente trabalho. Para que a efetivação do mesmo se consolidasse, foram extraídas informações de obras literárias contidas em livros, artigos e em outros meios que possibilitaram a pesquisa sobre: “A importância da educação infantil para o processo de desenvolvimento da criança”, possibilitando que o principal objetivo do trabalho pudesse ser consolidado, que é aperfeiçoamento do estudo sobre a importância da educação infantil para o processo de desenvolvimento da criança. Além disso, foi feita a análise de recortes da obra “A vendedora de fósforo” e recortes do filme “O contador de histórias” ambos que foram retidos dos veículos de comunicação (internet).

Para a elaboração da presente pesquisa foram utilizadas diversas ferramentas que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho. Segundo Gil, a pesquisa é defendida da seguinte maneira: “é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” (GIL, 2002, p. 26).

Diante disso, quanto aos níveis de conhecimento em que a pesquisa foi desenvolvida constituiu de forma descritiva, pois a mesma tem como papel central descrever determinadas características ou fenômenos de relação entre as variáveis (GIL, 2002, p. 42). A presente pesquisa se caracteriza de forma descritiva, já que vai descrever como os contos de fadas, usados como instrumentos pedagógicos, podem contribuir para uma aprendizagem significativa.

O tipo de investigação da pesquisa foi de modo qualitativo, pois a mesma está diretamente ligada à coleta de dados sobre determinados fenômenos presentes em um determinado grupo. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem para estudar as coisas do cenário atual e busca entender os fenômenos sobre determinados assuntos, dando importância ao pensamento e depoimento dos agentes que estão envolvidos.

A profundidade da pesquisa foi bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material elaborado” (GIL, 2002, p. 50). Os meios utilizados para a elaboração da referida pesquisa foram artigos e livros que relatam sobre o tema escolhido.

Segundo Lakatos, “o método é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança, permite alcançar os objetivos” (2010, p. 5). O método que vem abranger a presente pesquisa é o método hipotético-dedutivo, pois o mesmo “goza de notável aceitação, sobretudo no campo das ciências naturais” (LAKATOS, 2010, p. 13). Esse é constituído sobre hipóteses que devem ser colocadas em prática para que tais sejam validadas. Daí a relevância do presente método para o tema, já que fornece as hipóteses sobre a importância da educação infantil para o processo de aprendizagem do aluno.

Sendo assim, na pesquisa supracitada foi utilizado o modo de investigação não experimental. O método observacional “vale-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais” (LAKATOS, 2010, p. 16). O método observacional tem o intuito de observar algo que está acontecendo ou já aconteceu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a valorização da educação infantil bem como a elucidação de propostas pedagógicas, que utilizem a imaginação infantil para que as crianças possam construir sua identidade, é pertinente pois desempenha um papel importante para a formação das crianças, pois é através dessa, elas entrarão em contato com as emoções e o pensamento crítico.

Essas emoções são vivenciadas nos personagens que fazem parte do enredo do filme e obra literária apresentados no decorrer do trabalho, provocando, assim, o encantamento. A figura de diversos personagens colabora para a dramatização de situações que são corriqueiras no cotidiano das crianças, além disso, por meio das propostas pedagógicas que asseguram a verdadeira educação e possibilitam a construção de habilidades necessárias para a criança se desenvolverem, elas podem expandir os seus conhecimentos, pois retratam formas díspares de fazer o ser a pensar e a agir.

As pesquisas teóricas feitas para a elucidação desse trabalho, permitiram compreender o quão importante é o processo de imaginação para a formação dos sujeitos presentes na sociedade. Além disso, é fundamental abranger a ideia de que a educação infantil vai muito além de apenas ir para a escola e um professor se deleitar a foliar as páginas de um livro ou mostrar figuras de uma história para as crianças, é preciso que seja despertado a curiosidade e a imaginação, pois são habilidades essenciais para a formação infantil.

Também ficou evidente que existe uma necessidade de compreendermos que quanto mais cedo as crianças estiverem em contato com o contexto que corrobore para a construção do seu processo de desenvolvimento irá ser benéfico para a vida das mesmas, contribuindo para o seu desenvolvimento e tornando-as mais críticas. Nota-se que o professor é uma ferramenta que ajuda a criança a despertar a curiosidade, a fim de enriquecer sua vida bem como ajudar na construção da sua identidade cultural e formação do seu caráter, juntamente com a sua primeira instituição social, que é a família.

Outro ponto bastante relevante para a construção desse trabalho, foi perceber que as bases teóricas aqui presentes, sobre a valorização da infância bem como propostas que visem trabalhar com o enredo infantil, não são propostas inéditas já que são debatidas desde os tempos remotos. Evidencia-se que o trabalho com a imaginação infantil tem a capacidade de gerar nas crianças um fascínio extraordinário que, conseqüentemente, ajudará a aguçar o interesse pela leitura no âmbito escolar, bom como o desenvolvimento da sua capacidade imagética no

decorrer da sua formação. Majoritariamente, todos esses processos ajudam a criança também a querer fazer parte da sociedade, e usando o contexto da imaginação para solucionar os conflitos existentes na sua vida cotidiana.

Com base nas discussões ao longo do texto, ficou claro que o trabalho com a imaginação infantil quando abordado pelos educadores significativamente, pode ter grande importância para o desenvolvimento infantil, considerando a construção da personalidade da criança.

Foi possível compreender, portanto, que o trabalho feito com o universo da imaginação infantil em sala de aula é extremamente importante para todo o processo de edificação da aprendizagem infantil, além de propiciar e oportunizar a criança, o proveito do seu inconsciente, a fim de conhecer os significados da vida. A magia e o simbolismo dos contos de fadas, em suma, são conteúdos riquíssimos para despertar na criança a fantasia e a imaginação, durante o processo de descoberta do mundo tanto pessoal, quanto social.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H. C. Hans Christian Andersen – **The complete fairy tales**. 1. ed. London: Wordsworth Edition, 2009. (Wordsworth library Collection).

ANDERSEN, H. C. Hans Christian Andersen. **A pequena vendedora de fósforos**. Contos de fadas: De Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 204-208.

ARIÈS. Philipe. **História social da criança e a família**. São Paulo, perspectiva, 1986.

AROEIRA, Maria Luísa Campos. **Didática de pré-escola**: vida da criança: brincar e aprender. SP: FTD, 1996.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil-bases para a reflexão sobre as orientações curriculares** - projeto de cooperação técnica mec e UFRGS para construção de orientações curriculares para educação infantil. Ministério da educação básica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasília, 2009.

BETTELEIM, Bruno. **A Psicanalise da Alfabetização**. Porto Alegre, Artes Medicas Sul, 2008.

BRASIL, **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL, MEC/SEF/CIEDI. **Política Nacional de Educação Infantil**: Pelo direito das crianças de zero a seis anos á Educação. Brasília, DF. 2006.

BRASIL, Ministério de educação. Secretaria de educação básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Coordenação Geral de Educação Infantil. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9493/90**. Brasília, DF: MEC, 20 de dez. 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 11. ed. – São Paulo: Scipione, 2009.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIDONET, Vital. **Educação Infantil**. Humanidades, Brasília, n, 43, 1991, p. 89-98.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A reinvenção da infância: Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre: ano II, N6, Dez 2004/Mar 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. – 51. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

FREUD, S. **Escritores criativos e devaneios**. In: _____. “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Rio de Janeiro; Imago, 1908, p. 79-85. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. IX).

FRIDEMAN, Adriana. **O que é Infancia?** Pátio Educação Infantil. Porto Alegre: ano II, Nº6, Dez 2004/Mar 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. **Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança**. Educar, Curitiba, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko. **Educação Infantil Integrando Pré-Escolas e Creches na Busca da Socialização da Criança**. In: VIDAL, Diana Gonçalves e Hilsdorf, Maria Lúcia Spedo.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: Arte do disfarce**. 3ed. Dois Pontos. Rio de Janeiro, 1987. p.11-47.

KUBATA, Laura, et al. **A postura do professor em sala de aula: atitudes que promovem bons comportamentos e alto rendimento educacional**. Acessado em 5 de setembro de 2019.

MAKARENKO, Anton. **O livro dos pais**. vols I e II. Lisboa, Livros horizonte.1976.

MORENO, Gilmar Lupion. **Organização do trabalho pedagógico na instituição de educação infantil**. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades, 2007.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e Métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PERRENOUD, Phillipe. **Dez novas competências para ensinar**. trad. Patrícia Chitton Ramos. – Porto Alegre: Artemed, 2002.

TOMAS, Catarina Almeida. **A transformação da infância e da educação**: algumas reflexões sócio-histórica. *Pedagogia* Ribeirão Preto, v.11, n.21.2001/ Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=>>. Acesso em: 20 de jun. 2010.

UNESCO. **Declaração Mundial Sobre educação para todos**. Jomtien, Tailândia Conferência Mundial de Educação para todos 1990.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Reis, Railda Santos, 1997

A importância da Educação Infantil para o desenvolvimento da Criança
/ Railda Santos Reis. – Paripiranga, 2021
52 f.

Orientador (a): Prof. Me. Igor Macedo Brandão
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
UniAGES, Paripiranga, 2021

1. Criança. 2. Infância. 3. Educação Infantil. A importância da Educação
Infantil para o desenvolvimento da Criança UniAGES.